# ORGANIZAÇÕES DA CLASSE TRABALHADORA NO CAPITALISMO DE PLATAFORMA: REFLEXÕES A PARTIR DO MOVIMENTO RATOS DA PISTA

**Caio Vinícius Sena Souza**
Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0006-7940-7234
Endereço eletrônico: caiovsena@gmail.com

**Marisa Oliveira Santos**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia. Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6413-142X
Endereço eletrônico: marisa.oliveira@uesb.edu.br

**Palavras-chave:** capitalismo de plataforma; organizações coletivas; plataformas digitais; ratos da pista; resistência.

## INTRODUÇÃO

O avanço do capitalismo de plataforma traz consigo desafios significativos para o mundo do trabalho, sobretudo porque a expansão das plataformas digitais tem implementado novas formas de exploração e controle do trabalho, obscurecendo as fronteiras entre relação de emprego e trabalho autônomo, o que pode até mesmo significar impactos na própria noção de classe trabalhadora.

Concomitantemente à expansão da plataformização do trabalho, observa-se o crescimento da ideologia do empreendedorismo, por meio da qual os trabalhadores passam a se enxergar como empreendedores de si mesmos, e não mais como trabalhadores (Dardot; Laval, 2016).

A forma de contratação adotada pelas plataformas, bem como a caracterização de motoristas e entregadores como parceiros, faz com que haja uma distorção na percepção que os trabalhadores têm sobre si mesmos. Juntamente com a ideologia do empreendedorismo, esse fenômeno contribui para uma maior fragmentação da classe trabalhadora (Antunes; Filgueiras, 2020).

Tudo isso não se trata de elementos do acaso, mas de estratégias das plataformas digitais voltadas à desmobilização da categoria. Em contrapartida, apesar de todos esses desafios, os trabalhadores têm encontrado formas de se organizar coletivamente, seja por meio de sindicatos, associações, coletivos ou até mesmo movimentos sem uma estrutura formalmente constituída (SOBRINHO, 2024).

É nesse contexto que surge o coletivo "Ratos da Pista", movimento de motoristas e entregadores de plataformas digitais da cidade de Salvador-BA que, embora não se denomine nem possua a personalidade jurídica de entidade sindicato, tem organizado coletivamente os trabalhadores plataformizados, buscando melhores condições de vida e de trabalho.

Assim, o objetivo deste trabalho é analisar as organizações de trabalhadores de plataformas digitais a partir do estudo do coletivo "Ratos na Pista", por meio da observação empírica desse movimento. Nesse sentido, questiona-se: em que medida a experiência do movimento "Ratos na Pista" evidencia expressões contemporâneas de organização e resistência da classe trabalhadora no capitalismo de plataforma?

O presente estudo justifica-se diante do crescente número de pessoas que trabalham por meio de plataformas digitais, sobretudo em razão da expansão desse modelo para além das categorias de motoristas e entregadores, alcançando diversas outras profissões. Nesse contexto, torna-se necessário compreender de que forma a classe trabalhadora pode resistir ao crescente processo de precarização do trabalho mediado pelas plataformas digitais.

## METODOLOGIA

O presente estudo é desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, com o objetivo de proporcionar uma compreensão mais aprofundada sobre o tema. Associadamente, realiza-se um estudo de caso do coletivo "Ratos na Pista", da cidade de Salvador-BA. A escolha desse movimento como objeto de estudo decorreu do contato inicial do pesquisador com representantes do coletivo em atividade acadêmica. Assim, para o desenvolvimento do estudo de caso, utilizou-se a observação do perfil do movimento na rede social *Instagram*, bem como a análise dos dados disponibilizados pelo próprio coletivo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No ordenamento jurídico brasileiro, a representação coletiva dos trabalhadores é exercida pelos sindicatos, entidades que possuem legitimidade jurídica para atuar em nome da categoria profissional. Ocorre que, no contexto do trabalho plataformizado, o Governo Federal não tem concedido a carta sindical (ou registro sindical) às entidades compostas por trabalhadores de plataformas digitais (Reis; Oliveira, 2023).

Embora parcela da doutrina sustente que o registro sindical não constitui requisito para a atuação sindical (Grillo, 2008), sua ausência cria entraves para o exercício da representação coletiva, especialmente no âmbito judicial, uma vez que, em diversas ocasiões, o Poder Judiciário entende que essas entidades não possuem legitimidade ativa para ajuizar ações em nome de toda a categoria (Reis; Oliveira, 2023).

Apesar desses impasses jurídicos, a classe trabalhadora não permaneceu inerte, passando a desenvolver outras formas de organização coletiva, seja por meio de associações, coletivos, movimentos e/ou sindicatos[1] (Sobrinho, 2024).

Nesse contexto, em 2025, em Salvador-BA, um grupo trabalhador reuniu-se com o objetivo de buscar melhores condições de trabalho. Inicialmente organizado por meio de um grupo de *WhatsApp*, o coletivo passou a se denominar "Ratos na Pista". O nome faz referência à ideia de pessoas que permanecem constantemente em um ambiente, como ocorre com as expressões "rato de igreja" ou "rato de academia", remetendo, nesse caso, aos trabalhadores que estão continuamente na pista exercendo suas atividades.

O movimento cresceu rapidamente e atualmente conta com aproximadamente sete mil associados. Para integrar o coletivo, não há qualquer custo financeiro, sendo necessário apenas realizar um cadastro junto ao movimento (Ratos da Pista, 2026).

A força do coletivo decorre justamente do número de trabalhadores que o integram. A partir dessa organização, o movimento negocia com entes público e privados, além de estabelecer parcerias com empresas, proporcionando aos associados benefícios como descontos em instituições de ensino e/ou saúde, atendimento jurídico, entre outros.

Além disso, o movimento busca negociar melhorias junto às plataformas digitais por meio de influenciadores. Considerando que, muitas vezes, as plataformas não estabelecem canais efetivos de diálogo com os próprios trabalhadores, o coletivo procura esses

[1] Registre-se que, embora não possuam registro sindical, diversas associações de trabalhadores plataformizados se denominam como sindicatos.

influenciadores, que mantêm contato direto com as plataformas em razão de suas relações contratuais, utilizando esse canal como instrumento de negociação.

Observa-se, ainda, um forte sentimento de identidade entre os integrantes do coletivo. O movimento não possui finalidade lucrativa, sendo todo o trabalho desenvolvido com o objetivo de promover melhores condições para os trabalhadores, mediante uma atuação voltada ao interesse comum. Como forma de identificação, seus integrantes utilizam adesivos em seus veículos e motocicletas.

O coletivo também desenvolve campanhas solidárias e assistenciais, promovendo, entre outras iniciativas, a distribuição de alimentos para pessoas em situação de rua, bem como campanhas de arrecadação e doação de roupas para pessoas em situação de vulnerabilidade. Atualmente, o movimento também dispõe de uma base física na cidade de Salvador, utilizada como ponto de encontro, descanso e apoio aos trabalhadores.

Desse modo, verifica-se que, em um contexto marcado pela lógica capitalista da competição e da individualização, trabalhadores que poderiam se enxergar como concorrentes passaram a se organizar coletivamente em torno da busca pelo bem comum, encontrando maneiras de resistir à precarização do trabalho e às dificuldades de representação coletiva.

## CONCLUSÕES

Em síntese, a experiência do movimento “Ratos na Pista” revela que, apesar das estratégias de fragmentação e individualização próprias do capitalismo de plataforma, os trabalhadores desenvolvem formas coletivas de organização e resistência que atualizam historicamente a ação coletiva da classe trabalhadora.

Apesar de desenvolverem um trabalho que, por suas características, gera dispersão, esses motoristas e entregadores têm construído espaços que encurtam essa distância. A base física do movimento não representa apenas um espaço de descanso, mas também um espaço de encontro, articulação e construção de vínculos.

O que se observa no movimento Ratos na Pista é que a solidariedade surge não apenas entre seus membros, mas também em relação às pessoas em situação de vulnerabilidade, superando a lógica do individualismo e da competição. Por fim, conclui-se que o movimento Ratos na Pista constitui uma expressão contemporânea de resistência e de organização da classe trabalhadora frente à lógica do lucro e do capital.

**REFERÊNCIAS**

ANTUNES, Ricardo; FILGUEIRAS, Vitor. Plataformas digitais, Uberização do Trabalho e Regulação no Capitalismo Contemporâneo. **Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 1, p. 27-43, abr./jul. 2020.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução de Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo. Boitempo, 2016.

GRILLO, Sayonara. **Relações coletivas de trabalho**: configurações institucionais no Brasil Contemporâneo. São Paulo: LTr, 2008.

**RATOS DA PISTA**. @ratosdapistassa. Instagram, 2026. Disponível em: https://www.instagram.com/ratosdapistassa/. Acesso em: 13 jul. 2026.

REIS, Camila dos Santos; OLIVEIRA, Murilo Carvalho Sampaio. Atuação Judicial dos Sindicatos dos Trabalhadores de Plataformas Digitais: Percalços em Busco do Acesso à Justiça. **Revista Direito Público**, [S. l.], v. 20, n. 107, 2023. Disponível em: https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/7213. Acesso em: 13 jul. 2026.

SOBRINHO, Gabriela Sepulveda. **Organizações coletivas dos trabalhadores da plataforma iFood**: a luta dos entregadores em meio ao discurso de liberdade e empreendedorismo. 1. ed. Salvador: Dialética, 2024.